

**SOCIOLOGIA & POLÍTICA**

I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR 2009

“Sociedade e Política em Tempos de Incerteza”

ISSN 2175-6880 (Online)



**GRUPO DE TRABALHO 6  
TEORIA E PENSAMENTO SOCIAL NO BRASIL**

**OS INTELECTUAIS E A EUGENIA**

**Ricardo Augusto dos Santos**



[www.humanas.ufpr.br/evento/SociologiaPolitica](http://www.humanas.ufpr.br/evento/SociologiaPolitica)

## OS INTELLECTUAIS E A EUGENIA

Ricardo Augusto dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

Este é um estudo sobre a Eugenia no Brasil. O movimento eugenista foi exuberante em nomes, títulos, instituições e publicações. Renato Kehl é a figura central para a nossa análise. Mas, não o deixaremos sozinho. Um intelectual carrega idéias, argumentos, dialoga e relaciona-se com outros atores. Sendo assim, para marcar a existência de um campo eugênico no Brasil visitaremos as idéias de outros intelectuais como o sanitarista Belisário Penna, o escritor Monteiro Lobato, o antropólogo Roquette-Pinto, o zoólogo Octavio Domingues, entre outros. Kehl foi um dos principais agentes sociais do campo eugênico brasileiro. Desde as primeiras décadas do século XX até a data de sua morte, em 1974, ele esteve envolvido com o debate sobre a pertinência da eugenia como o remédio para curar os vários males da sociedade. Participou da fundação de associações, organizou congressos e criou periódicos que promoviam a divulgação das idéias sobre a regeneração racial e social do país. Uma das principais marcas do discurso de Kehl era o seu pessimismo quanto ao futuro da nação brasileira. Para ele, a miscigenação racial conduziria o Brasil para uma catástrofe. Assim, somente com procedimentos eugênicos, como a educação higiênica e a esterilização, o país poderia tornar-se uma nação moderna e próspera.

Este texto tem como objetivo apresentar uma face da Eugenia no Brasil. Pesquisas sobre a eugenia ainda permanecem restritas a determinadas regiões. Frequentemente, ela é associada ao nazismo, ignorando-se a existência das idéias e práticas eugenistas, que ultrapassaram fronteiras ideológicas e geográficas. O exemplo norte-americano ainda é desconhecido, assim como o eugenismo na América Latina é pouco estudado. Mas, há evidentes exceções. BLACK (2003) e STERN (2005) realizam investigações instigantes a respeito da Eugenia nos Estados Unidos. O primeiro reconstitui a trajetória da “caçada aos fracos” nos EUA. O segundo desmistifica a idéia de que o eugenismo norte-americano tido como “pesado”, desapareceu ou ficou “leve” depois da Segunda Grande Guerra.

Assim, nossa análise concentra-se nas idéias e estratégias eugênicas em torno das quais se organizou a sociedade brasileira, durante o século XX. Consideramos que, na atual conjuntura histórica, é oportuno um projeto que contemple a diversidade de interpretações sobre o tema. Em países como Brasil e Argentina, existe uma produção recente que estuda as influências que o eugenismo provocou. Essa literatura aborda os textos de intelectuais eugenistas, porém a maioria dos textos não demonstra a particularidade desses agentes sociais. No Brasil, recentemente, foram realizados bons trabalhos acadêmicos sobre o eugenismo nacional. Com alguma frequência,

---

<sup>1</sup>Ricardo Augusto dos Santos. Doutor em pela História/UFF e Pesquisador Adjunto da Casa de Oswaldo Cruz.

analisam as obras dos intelectuais e, especialmente, os livros, artigos e panfletos do médico Renato Kehl (1889-1974), tido como o expoente máximo do movimento eugênico no Brasil, mas não ampliam a análise, nem destacam as nuances do pensamento social desse intelectual e, tampouco, dos demais intelectuais brasileiros que compartilharam das idéias eugenistas. Erroneamente, consideram um ator social como paradigma ou modelo explicativo. Kehl, assim como os agentes sociais que compartilhavam das idéias eugenistas, não produzia suas idéias como um Robinson Crusó numa ilha.

Cumpra indagar: o pensamento eugênico brasileiro foi diferente do anglo-saxão? Conforme foi demonstrado pela bibliografia que estuda o tema, a recepção da Eugenia no Brasil e demais países da América Latina teve características distintas de nações como EUA, Suécia, Inglaterra e Alemanha. Todavia, alguns críticos, equivocadamente, concluem, por exemplo, que a eugenia germânica foi a verdadeira, a que teve laços com a ciência da genética, enquanto a nossa (latina) foi branda, falsa ou mesmo não existiu. Koifman (2007) analisou essas leituras apressadas, chamando atenção para os equívocos cometidos: “Além dos problemas relativos à falta de cuidados com o anacronismo, os críticos não levam em conta, justamente, as particularidades que o eugenismo tomou em diferentes países” (KOIFMAN, 2007:37). Portanto, não cabe negar totalmente a validade das investigações realizadas, mas é necessário fazer algumas perguntas: a eugenia latina foi menos eugenista ou mais leve do que as outras? Foi um conjunto equivocado de idéias? Remando contra essas interpretações, constatamos que, no Brasil, entre o início do século XX e as décadas de 20 e 40 existiu um movimento eugênico que permitia a associação entre esterilização, saneamento e educação. E quase todos os intelectuais eugenistas não escaparam dessa hibridização de estratégias.

O presente trabalho tem como título “**Os Intelectuais e a Eugenia**”. O Médico Renato Kehl é a figura central para a nossa análise. Mas, não o deixaremos sozinho. E ele não falava isoladamente. Um intelectual carrega idéias, argumentos, dialoga e relaciona-se com outros atores. Kehl foi um dos principais agentes sociais do campo eugênico brasileiro. Desde as primeiras décadas do século XX até a data de sua morte (1974) ele esteve envolvido com o debate sobre a pertinência da eugenia como o remédio para os vários males da sociedade brasileira. Participou da fundação de associações, organizou congressos e criou periódicos que promoviam a divulgação das idéias sobre a regeneração racial e social do país. Mas, muitos intelectuais acompanhavam-no. Kehl não esteve solitário. O movimento eugenista foi exuberante em nomes, títulos, instituições e publicações.

Quem foi Renato Ferraz Kehl? Nascido em Limeira, interior do Estado de São Paulo, a 22 de agosto de 1889, filho de Joaquim Maynert Kehl e Rita de Cássia Ferraz Kehl. Exerceu a clínica médica em pequeno consultório na capital paulista durante alguns anos. Dedicando-se aos princípios da Eugenia fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira dedicada ao estudo e

veiculação dos ideais eugenistas aparecida na América do Sul com 140 membros (quase todos médicos). Lutando pela difusão das suas idéias, Renato Kehl realizou conferências no Brasil, publicou mais de 30 livros, além de inúmeros artigos em jornais. Durante os anos em que exerceu cargos na administração pública (1919-1927), dentro do Serviço de Profilaxia Rural e no Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), ajudou a organizar o Serviço de Educação Sanitária da Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas, subordinado ao DNSP, tendo sido também o responsável pelo Museu de Higiene que esse setor apresentou na exposição comemorativa do Centenário da Independência (1922). No Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural (DNSP) trabalhou durante três anos (1919-1922) como inspetor sanitário rural e como chefe do posto médico-sanitário em Merity, passando depois para o serviço de Educação e Propaganda Sanitária (1923-1924). Tendo-se exonerado do DNSP em 1927, ingressou na companhia Bayer.

Como dissemos, discordamos parcialmente das contribuições e interpretações realizadas nos últimos anos por pesquisadores e professores sobre a eugenia brasileira. Chamamos atenção, inclusive, para o excelente nível dos trabalhos. Mas, faremos alguns questionamentos e teceremos considerações. Em primeiro lugar, afirmamos que a formação do campo eugênico relaciona-se com a estrutura de classes de cada país. A maioria das pesquisas não aponta esse fato. Quando o editor britânico da *Eugenics Review*, Mister Trounson, citado por Nancy Stepan, declarou que “a abordagem brasileira é mais sociológica que biológica”, ele estava afirmando que a eugenia nacional era menos científica. Esse editor dizia que a eugenia brasileira tinha múltiplas interpretações. Depois de ler vários textos de eugenistas brasileiros, o britânico concluía:

“Aparentemente os brasileiros interpretam a palavra eugenia de forma menos restrita que nós e a fazem-na cobrir muitas coisas que chamaríamos de higiene e sexologia elementar; e não se traça uma distinção muito clara entre condições congênitas devidas a acidentes pré-natais e doenças estritamente genéticas (...) Conflitos familiares, educação sexual e exames e atestados pré-nupciais parecem ser os assuntos que mais interessam aos eugenistas brasileiros, enquanto a genética e a seleção natural e social são bastante negligenciadas. A abordagem é mais sociológica que biológica”. (STEPAN, 2005:76).

Mas, será que a abordagem britânica era totalmente ausente de intenções sociais? Ou, por que não dizer, será que ele estava atribuindo uma inocência ideológica à eugenia inglesa, justamente por considerá-la mais científica? Para olhos britânicos, a eugenia brasileira era uma reunião de idéias equivocadas, desprovida de uma sistematicidade e envolvida com problemas de ordem moral. Segundo esse ponto de vista, a eugenia no Brasil estava preocupada com questões menores como a puericultura, a beleza física e a higiene íntima.

No entanto, contrariamente a essas afirmações, existiu efetivamente uma articulação social e política que permitia a associação entre Esterilização, Saneamento e Educação. Nancy Stepan, a

primeira e principal pesquisadora a oferecer uma interpretação geral sobre a Eugenia da América Latina, não ignorou a especificidade da Eugenia nas zonas tropicais. Contudo, para esta autora, explicando o caso brasileiro, a justificativa para a originalidade das idéias e práticas eugenistas abaixo da linha do equador era que “em virtude de seu clima tropical e de sua população mestiça o Brasil representava tudo que os europeus consideravam disgênico”.<sup>2</sup>

Assim, estava explicado porque não foram adotadas medidas radicais eugênicas ou “verdadeiramente” eugenistas no Brasil: devido ao fato do país ser uma nação de mestiços. Afinal, quem seria excluído? Condenado? Por este viés, não tivemos a preponderância da chamada “eugenia negativa”. Trata-se de opinião muito próxima daquela que condenava totalmente a “raça nacional”. A forte mestiçagem inviabilizaria o Brasil como nação. Mas, esta não era a expressão daqueles que consideravam como superior uma ínfima parte da humanidade? Uma suposta e quase mítica superior raça ariana? Veremos, pois, porque estas argumentações se confundem.<sup>3</sup>

A principal obra da historiadora Nancy Stepan publicada no Brasil é *A Hora de Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. O livro foi editado pela primeira vez em 1991, mas a edição brasileira, iniciativa da Editora da Fiocruz, data de 2005. Nele, Stepan recupera o desenvolvimento das idéias eugênicas na América Latina e, em particular, as experiências do México, Argentina e Brasil. Nesse e em outros trabalhos, amplamente citados pela literatura historiográfica brasileira que trabalha o tema da eugenia, Stepan situa suas hipóteses. Embora não ignore a especificidade e originalidade da Eugenia Latina, e não menospreze a contribuição das idéias eugênicas desses países, uma parte significativa dos argumentos de Stepan é inconsistente. Um ponto especial deve ser destacado, com o propósito de debatê-lo.

Para Stepan (2005), Souza (2006) e Diwan (2007), teria havido uma exacerbação das propostas eugenistas de Renato Kehl no final dos anos 20. Apesar das diferentes interpretações, esses autores identificam uma alteração no pensamento de Kehl. O médico eugenista, a partir de um determinado momento, teria radicalizado suas análises, em direção a uma eugenia negativa, desejando um modelo eugênico mais identificado às ações alinhadas à esterilização compulsória. Também a partir dessa ruptura, ele teria modificado sua opinião sobre a miscigenação. Com a mudança, teria se tornando mais intransigente e pessimista a respeito da mistura de raças.

Apesar da excelente pesquisa e bom texto de Stepan, o seu argumento principal para a apontada transformação é fraco. Poder-se-ia dizer, não sem um pouco de ironia, que se trata de uma explicação “geneticista”. A professora da Universidade de Columbia/Nova Iorque tenta assim

---

<sup>2</sup> STEPAN, Nancy Leys. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*. In: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego(orgs.) *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, pp 335.

<sup>3</sup> Haveríamos que formar um povo a partir do que tínhamos. Não havia, entre nós, uma mítica raça ariana a representar o ideal racial.

explicar a suposta modificação do pensamento de Kehl: “(...) as origens alemãs de Renato Kehl, líder dos eugenistas brasileiros, podem ter sido, em parte, responsáveis pela exacerbação de seu racismo” (STEPAN, 2005: 168).

Souza (2006), por seu turno, embora critique, em alguns pontos, acertadamente a obra de Stepan, ao reconstituir a trajetória do eugenismo no Brasil, recorre a argumentos com os quais, em parte, não concordamos. Por exemplo, ele declara que Kehl teria sofrido uma “virada” em sua trajetória. Houve, sem dúvida, alterações no discurso deste eugenista. Mas, isto não representou uma profunda modificação do seu pensamento, tampouco uma revolução dentro do campo eugênico.

A Eugenia chegou ao Brasil por intermédio dos livros e artigos produzidos em numerosa quantidade nos EUA e na Europa. Por aqui, encontrou solo fértil. Casou-se muito bem com um conjunto variado de idéias. Algumas delas existiam, pelo menos desde a metade do século XIX e tentavam explicar a experiência histórica em torno das populações escravas. Outras, espetacularmente desenvolvidas após 1870, almejavam construir um mundo moderno e científico, colocando o Brasil nos trilhos do progresso. Certamente, um dos motivos mais importantes para o desenvolvimento do eugenismo nas três primeiras décadas do século XX estava na preocupação com o controle da população de ex-escravos que estavam em processo de proletarização. É bastante evidente a inquietação de Kehl e de seus interlocutores com os fatores identificados pelo eugenismo nacional como disgênicos, ou seja, contrários à formação do povo bonito, forte e saudável.

Que condições adversas e disgênicas eram essas que impediam a formação de um Brasil novo? Entre várias outras, o crescimento desordenado das cidades; a proclamação da República, que também não havia resolvido os problemas que os intelectuais apontavam como cruciais, pois, segundo os reformadores críticos, eles impediam a formação de uma grande nação; a abolição da escravidão e conseqüente processo imigratório para as cidades, compondo um contingente de pessoas procurando moradia e trabalho em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Assim, de uma maneira ampla, os intelectuais se perguntavam: como produzir boas colheitas quando as sementes e o solo não são bons? Idéias que já estavam embutidas em autores norte-americanos e europeus, representantes do pensamento social e político que no século XIX, afirmavam a degeneração do Brasil devido à promiscuidade e liberdade sexual nos cruzamentos raciais, produzindo seres inúteis e híbridos. É certo que considerações completamente pessimistas quanto ao futuro da nação miscigenada seriam rebatidas pelos intelectuais identificados com o movimento sanitaria e também, inclusive, por alguns autores eugenistas. Aliás, os atores do campo eugênico, intelectuais que produziram suas obras nas fronteiras da Primeira República e do Estado Novo (1889-1945), notadamente os sanitaristas, ao contrário dos adeptos do racismo

científico, consideravam e trabalhavam para tornar o Brasil viável e os brasileiros produtivos. Por exemplo, Roquette-Pinto (1884-1954) escreveu em 1927:

“Tudo quanto se tem apurado, no laboratório de antropologia do Museu Nacional, confirma [que] (...) a nossa população mestiça, quando sã, não apresenta nenhum caráter de degeneração física ou psíquica. (...) não denunciam absolutamente nenhuma inferioridade biológica. Quanto ao que raça pode dar como energia moral (...) são o melhor instrumento de que ela não fica a dever nada aos povos fortes”. (ROQUETTE-PINTO, 1927: 202).

Esse é um ponto interessante e importante para compreendermos as tramas desse emaranhado de idéias: a ambigüidade e a complexidade das propostas eugenistas. Por exemplo, sem dúvida, Roquette-Pinto refutava a negatividade oriunda unicamente da mestiçagem, mas desde que não houvesse “nenhum caráter de degeneração física ou psíquica” nos indivíduos. Ao longo do trabalho, serão consideradas algumas características dos intelectuais eugenistas. À exceção pioneira de Stepan, os estudiosos da eugenia tendem a considerar como autênticos somente os discursos eugênicos advindos de intelectuais brasileiros fortemente alinhados com os modelos estrangeiros. Assim, na maioria dos trabalhos acadêmicos sobre eugenia, Kehl é identificado como eugenista brando, em sua primeira fase, depois, paulatinamente tornar-se-ia mais radical. Octavio Domingues (1897-1972) é considerado um eugenista mendelista. Oliveira Vianna (1883-1951) é apresentado como um feroz arianista. Roquette-Pinto é reconhecido como partidário do mendelismo, mas com face anti-racista, principalmente a partir dos anos 30.

Rótulos à parte, o cenário é bem mais matizado e complexo. Frequentemente, vários autores representantes do pensamento eugenista ou fortemente influenciados pelas idéias eugenistas são ignorados como bons exemplos para estudar a repercussão dessas idéias. Há duas boas razões explicativas para o fato. Em primeiro lugar, os pesquisadores contemporâneos ainda trabalham com os conceitos formulados pelos autores estudados. Em segundo, o paradigma eugênico anglo-saxão influencia as análises sobre eugenia. Por meio de uma leitura tradicional, qualquer proposta fora do modelo paradigmático não será considerada eugênica ou mesmo compreendida enquanto negação das idéias eugenistas. Daí a identificação quase direta entre nazismo e eugenia, o que constitui flagrante equívoco. Como explicar as experiências eugenistas acontecidas na Suécia social-democrata, que até os anos 70 do século XX praticou a esterilização compulsória? Ou nos EUA, que em 1906 já realizava a esterilização em homens e mulheres e consagrava a eugenia nas suas políticas públicas?

A primeira crítica a fazer é que tal visão reproduz os padrões estrangeiros clássicos. Recentemente, foram publicados textos que desmistificam um pouco esse olhar monolítico, quase sempre fruto de pouco trabalho de pesquisa documental ou amparado em teoria inadequada. As análises que vão sendo superadas afirmam que devido ao fato dos eugenistas dos EUA pregarem a

esterilização, não defendiam práticas como a educação física, o saneamento e a higiene como fatores de eugeniização da raça. Talvez a ênfase fosse muito menor, mas, por outro lado, na sociedade americana, era grande a preocupação com o matrimônio entre as pessoas. Então, havia sim uma mínima preocupação com esses fatores “sociais”. Talvez, a grande diferença seja que, no Brasil, acreditou-se que era necessário e possível salvar (regenerar) a raça e melhorar o país por meio das práticas educativas e sanitárias. Também é comum supor que após a Segunda Guerra, a eugenia norte-americana desapareceu. Contudo, esta é mais uma visão equivocada sobre a questão. (SOUZA, 2007).<sup>4</sup>

Afinal, que projetos políticos permitiram a não-radicalização e não-adoção de experiências mais “duras”, tendo em vista as ações realizadas, por exemplo, nos EUA, Suécia e Alemanha? O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia realizado no Rio de Janeiro em 1929 foi um acontecimento especial, onde as disputas por espaço político dentro do campo intelectual eugênico redundaram em tomadas de posição por parte dos membros do campo eugenista.

Sem dúvida, existia uma divisão entre os intelectuais e uma definição um pouco distinta sobre a influência, ou não, do meio sobre a hereditariedade. Os eugenistas formavam um grupo fortemente organizado e estruturado o bastante para dominar várias áreas da política, educação e cultura. Convém não esquecer o número expressivo de periódicos, associações profissionais e culturais que esses intelectuais criaram. Tampouco devemos negligenciar a importância política que tiveram. Afinal, era por intermédio de agências como a Sociedade Eugênica de São Paulo, a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Liga Pró-Saneamento do Brasil e periódicos como o Boletim de Eugenia que esses intelectuais, principalmente médicos, formulavam, veiculavam suas idéias e formavam grupos que pressionavam politicamente o Congresso Nacional. Inúmeras tentativas, algumas bem sucedidas, de transformar a legislação, marcando o controle do Estado sobre as vidas dos indivíduos e, em especial, sobre a reprodução. No Folheto *Certificado médico pré-nupcial. Regulamentação eugênica do casamento*, uma separata do periódico *Brazil-Médico*, publicado em 1930, Kehl realizou um pequeno inventário das movimentações políticas no Congresso para regulamentar as leis sobre o casamento civil durante as primeiras décadas do século.

Nas conjunturas das décadas de 1930, 40 e 50, vários desses intelectuais eugenistas ocuparam posições importantes nas administrações governamentais. Koifman (2007) observa que, embora as políticas públicas ou as orientações dos governos mudem ao longo do tempo, os funcionários permanecem durante várias gestões à frente das “repartições”, onde efetivamente são cumpridas as determinações contidas nas políticas públicas. Esse autor demonstra que o eugenismo

---

<sup>4</sup>Souza (2007) publicou uma importante resenha, onde podemos ver como as idéias eugênicas sofreram modificações, mas não desapareceram nos EUA após 1945. O livro comentado é STERN, Alexandra Minna. *Eugenic nation: faults and frontier of better breeding in modern America*. California: University of California Press, 2005.



influenciou o controle sobre a entrada de estrangeiros no país. Os intelectuais que exerceram cargos nos chamados escalões inferiores da administração pública não são considerados dignos de estudos e análises. Em sua tese de doutorado, Koifman demonstra a importância de Ernani Reis (1905-1954). Aparentemente um funcionário público de escalão inferior, ele era, contudo, um intelectual com forte presença no governo e que, frequentemente, publicava nos grandes jornais diários e participava de inúmeros programas radiofônicos das emissoras de rádio.<sup>5</sup>

Analisando a rede de relações dos intelectuais eugenistas, suas instituições, livros e periódicos, por meio dos quais se empenharam na organização e divulgação do movimento eugenista, constatamos que Monteiro Lobato (1882-1948) e Belisário Penna (1868-1939) ocupam espaços relevantes, contudo, Octávio Domingues e Roquette-Pinto são também interlocutores fundamentais para Kehl e o campo eugênico. Domingues estudou na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de 1915 a 1917, trabalhou no Ministério da Agricultura e foi professor da Escola de Agronomia da Amazônia. Entre 1919 e 1924, lecionou na Escola de Agronomia e Veterinária do Pará, e, na ESALQ, de 1925 a 1936. Foi ainda professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba e da Escola Nacional de Agronomia (ENA) no Rio de Janeiro. Foi diretor de ensino agrícola da ENA, trabalhou no Instituto de Zootecnia do Rio de Janeiro e no Departamento Nacional de Produção Animal. Foi sócio fundador da Sociedade Brasileira de Zootecnia e presidente da mesma de 1951 a 1968. Roquette-Pinto, médico e antropólogo, figura de destaque na intelectualidade brasileira.

Mas, é preciso ressaltar, em inúmeras ocasiões, os personagens atuaram em conjunto. Discordando ou não, trabalharam em comissões governamentais e nos periódicos. Kehl e Roquette estiveram juntos no Grupo de Trabalho criado para estudar a questão da imigração, sob a coordenação do sociólogo Oliveira Vianna, após a Constituição de 1934. Com Domingues, também participaram do Boletim de Eugenia que circulou entre 1929 e 1933 e da Comissão Central Brasileira de Eugenia, que seria um órgão centralizador das políticas e ações públicas para a seleção eugênica dos indivíduos. Analisando as correspondências do Arquivo Renato Kehl, vê-se que as divergências científicas e políticas eram maiores com Roquette-Pinto do que com Domingues. Entretanto, não consideramos que a diferença de opinião sobre raça, mestiçagem ou ciência, fosse capaz de alterar o ideal da criação de um Brasil novo.

Julgamos que nossa contribuição ao debate historiográfico sobre a Eugenia Brasileira está em demonstrar a articulação do conjunto formado pela esterilização, educação higiênica, e combate

---

<sup>5</sup> Comumente atribui-se uma característica a-histórica ao Estado e aos homens. Por exemplo, diz-se que o Estado Novo *realizou* ou que após o seu término, uma determinada época totalmente diferente *começou*. Assim, considera-se, por um lado, que o Estado tem um comportamento quase humano. Num momento, ele é bom, depois, ele é mau. Assim, criou-se uma ilusão de que ao final do Estado Novo, após 1945, tivemos o início de uma era justa, pacífica e democrática, o que é, no mínimo, um equívoco.

às doenças para a formação de um povo educado, higiênico e forte. Mesmo Kehl, reconhecido como um eugenista radical, favorável à utilização da esterilização involuntária em “incapazes mentais” e criminosos desde antes da criação, em 1920, do DNSP (Departamento Nacional de Saúde Pública), foi também defensor do saneamento e da educação higiênica como fatores que propiciariam a cura dos brasileiros doentes, feios e desprovidos de cultura científica. No início da década de 1920, ele já declarava a importância e o valor dos ensinamentos da educação higiênica e demonstrava que estava a par das ações desenvolvidas na Alemanha:

“E, devo frisar, quase nada se obtém em campanha sanitária, quando se não conta com a colaboração popular. Em todos os países cultos a campanha de propaganda de higiene e educação sanitária é tida em alta conta, não se medindo esforços nem despesas para torná-la o mais eficiente possível. Quem ignora os esforços e os grandes resultados colhidos com a organização americana, nesse sentido? E na Alemanha? Neste país até as folhinhas de arrancar são empregadas com a divulgação de conselhos higiênicos. Como se sabe, lá como aqui, são muito apreciados os pensamentos, máximas, versinhos, impressos no verso das folhinhas (...) a propaganda é uma grande auxiliar de todo empreendimento.”<sup>6</sup>

Em nossa análise, exploramos a ação intervencionista da educação no projeto eugênico de Kehl. Isto nos ajuda a entender um pouco mais sobre a especificidade da eugenia nacional. Kehl tinha uma visão bastante particular das funções que a educação higiênica e sexual desempenharia na construção do povo brasileiro. A investigação das idéias eugenistas em Kehl, e também, na trajetória de outros intelectuais, deve ser apurada com critério rigoroso. A concepção de educação preconizada por Kehl apresentava-se integrada ao modelo de transformação da sociedade. De maneira simplificada, podemos resumir que ele manteve durante a sua vida (com pequenas variações) propostas de intervenção eugênica do seguinte tipo: para as classes cacogênicas e disgênicas da sociedade, ele receitava ações eugenistas, defendendo a esterilização para conter a “selvagem” proliferação dos seres degenerados, mestiços e doentes; para todos que pretendiam casar-se, o exame pré-nupcial, terminando na proibição do casamento ou geração de filhos entre os que demonstrassem ser degenerados ou perigosos para a sociedade; e, para os membros da classe aristogênica, educação higiênica e sexual para garantir uma descendência sadia.<sup>7</sup>

De maneira bem ampla, podemos definir que os planos de eugenistas e sanitaristas consistiam em eugenia preventiva (controle dos fatores disgênicos pelo saneamento ambiental), em eugenia positiva (educação, incentivo e regulação da procriação dos capazes) e na eugenia negativa (evitar a procriação dos considerados incapazes). O objetivo era modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração. Dos sanitaristas, que negavam as teses da inata indolência tropical, vieram os remédios para um futuro promissor: a educação higiênica e as ações públicas sanitárias.

<sup>6</sup> *Pelo Maior Bem! Elevando a significação dos problemas nacionais de higiene e educação sanitária. O que nos vai mostrar a Diretoria de Saneamento.* Entrevista com Renato Kehl. *Jornal A Noite*, 30 out. 1922. Fundo Pessoal Renato Kehl, COC/Fiocruz.

<sup>7</sup> Para Kehl, a aristogenia representava os seres eugenicamente superiores; enquanto, os tipos inferiores constituíam a classe cacogênica. Esses, por ventura, poderiam assumir uma forma bastante degradada, ou seja, a disgênica.

As condições sanitárias teriam de modificar-se para que, transformando os indivíduos, os seus descendentes fossem beneficiados. Eugenistas e sanitaristas entendiam que as reformas das políticas públicas de saúde aprimorariam a capacidade hereditária. Práticas associadas com a eugenia exemplificam a filiação neolamarckista: campanhas contra o alcoolismo e as doenças sexualmente transmissíveis. Em suma, coexistiam teorias que adotavam uma seleção racial capaz de embranquecer a população, produzindo um “tipo nacional”, com teses de que o futuro eugênico seria resultado do saneamento das áreas rurais e urbanas, além da educação higiênica que propiciaria a criação e manutenção da nova ordem. Essa amplitude de técnicas eugênicas não consistia em interpretação errônea de teorias científicas originais, nem mesmo numa cópia importada sem critério, mas sim na construção de um pensamento eugênico brasileiro.

Eugenistas e sanitaristas, como tantos outros grupos do campo intelectual da época, não formavam conjuntos homogêneos. Por exemplo, uma significativa parcela de eugenistas negava a influência do meio. Ou, pelo menos, alinhava-se em torno de uma leitura que afirmava a impossibilidade de transmissão hereditária de características adquiridas. Contudo, simplificadamente, talvez seja mais relevante para a nossa análise, dividi-los em dois conjuntos. O primeiro, que aceitava a transformação das gerações futuras por meio do combate aos fatores disgênicos, isto é, degenerativos, doenças venéreas, alcoolismo; e o segundo negando ou argumentando que essas causas ocupavam um espaço secundário. No entanto, essa divisão se, em algum momento, ficava evidente, em outros, no seio da disputa por espaços políticos, transformava-se numa fronteira bastante maleável.

Ao longo da pesquisa, venho discutindo a arquitetura das idéias eugenistas. Trata-se de tarefa complexa, mas é certo que, ao final, serão encontradas algumas respostas. Fugimos da narrativa linear que explica a eugenia através de uma suposta radicalização de suas propostas. Por meio dessa interpretação, as origens européias de Kehl e suas viagens ao velho continente, além da ascensão das idéias nazistas e totalitárias, justificariam a “virada” em sua opinião sobre a esterilização como alavanca para a superação da história.<sup>8</sup>

Sem dúvida, mudanças aconteceram na trajetória de Kehl. Encontramos sensíveis alterações. E não estamos negando que elas existiram. Mas, também encontramos em Belisário, em Lobato, em Roquette-Pinto. Porém, as modificações não estremeceram o campo intelectual brasileiro. E muito menos o eugenista ou sanitarista. As diferenças percebidas estiveram contidas dentro das fronteiras do pensamento social e político. A trajetória de Kehl sustenta essa argumentação. Em seus textos, entre 1918 e 1921, encontramos referências seguras com respeito ao controle do Estado sobre a

---

<sup>8</sup> Não se trata de negar a simpatia que Kehl nutria pelas idéias autoritárias e totalitárias. Em carta destinada a Oliveira Vianna, em 25/06/1937, ele deixou registrado esse sentimento: “Percorri uma parte da Suíça e agora depois de viajar pelo sul da Alemanha, instalei-me em Berlim, onde estou observando os magníficos progressos do III Reich”. Fundo Pessoal Oliveira Vianna, Casa de Oliveira Vianna.

procriação humana. Nesses textos, também há citações a respeito da esterilização compulsória e da necessidade de exames médicos prévios ao casamento. Portanto, não está nas viagens de Kehl à Europa a explicação da radicalização. E, por outro lado, mesmo com a acentuação em torno da “eugenia negativa”, que não negamos, pois efetivamente houve uma alteração, ele não abandonou a crença na tarefa regeneradora da Eugenia, que seria executada pela tríade Saneamento-Educação-Eugenia. Se Kehl sofreu uma transformação em suas proposições, não seria mais plausível dizer que foi o conjunto de suas propostas que se radicalizou? Achamos que esta explicação corresponde aos movimentos de Kehl e de seus interlocutores. Em instigante dissertação de mestrado, Reis (1994) demonstra como a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) abraçou uma eugenia mais radical. Todos os membros do campo ansiavam por mais eugenia. E ansiavam, também, por mais educação, mais saneamento, mais esterilização, mais controle do Estado sobre a massa de indivíduos que crescia. Era o medo da multidão.<sup>9</sup>

É necessário não ceder a tentações simplistas de enfeixar em poucas palavras a totalidade do pensamento de um autor. Não é razoável supor que quatro décadas de trabalho de Renato Kehl podem ser resumidas em poucas linhas. Na verdade, mesmo durante as décadas de 1950 e 1960, quando as questões por ele defendidas não tinham o mesmo impacto, ainda era rotineira a sua contribuição intelectual em jornais. No decorrer do trabalho, selecionando período e textos, buscamos apreender sua trajetória. Sobre esse ponto de vista, encontramos apoio em Luiz de Castro Faria (2002), Jair de Souza Ramos (2003) e Michel Foucault (2002).

Como principal nome do eugenismo nacional, Kehl dedicou-se à divulgação e, principalmente, à organização do movimento eugenista. Ao longo de sua vida, ele construiu e manteve uma rede de interlocutores, onde encontramos personalidades do meio intelectual brasileiro, instituições nacionais, internacionais e nomes do movimento eugênico dos EUA e Europa. Sempre debatendo o futuro racial do brasileiro e a identidade nacional. Mesmo após a década de 1940, com o fim da II Grande Guerra, momento em que, sem dúvida, a Eugenia sofreu um duro golpe, Kehl continuou escrevendo e publicando seus artigos na imprensa até os anos 60.<sup>10</sup>

Este trabalho é resultado de investigação realizada em arquivos e bibliotecas. Vale-se muito, no entanto, de dois arquivos documentais que estão sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. São os arquivos pessoais de Renato Kehl e Belisário Penna. Reúnem desde correspondências até recortes de jornais, além de documentos oficiais oriundos das funções administrativas e políticas que os dois médicos exerceram. Os itens analisados são livros, artigos, folhetos e cartas. Vários textos de Kehl e de outros autores foram utilizados como fontes. Destacamos os trabalhos “Lições

---

<sup>9</sup> Em sua grande maioria, as pesquisas sobre o tema – Eugenia – consideram, equivocadamente, que as transformações se processaram sem tensões, sem conflitos e ausente de alianças políticas entre os agentes envolvidos.

<sup>10</sup>No Fundo Pessoal Renato Kehl, encontramos cartas com Charles Davenport, considerado o principal intelectual da Eugenia nos EUA.

de Eugenia” do próprio Kehl, editado em 1929, “O Problema Vital” de Lobato e o “Saneamento do Brasil” de Penna, esses últimos publicados em 1918 e, ainda, os “Annaes de Eugenia” de 1919 e o volume I das “Atas e Trabalhos” que são as conferências e textos apresentados no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia realizado em 1929.

O recorte temporal da pesquisa marca o período de propaganda e tentativa de institucionalização, por parte dos intelectuais situados nas agências que veiculavam a eugenia, que tentavam tornar o eugenismo uma política de Estado. Em 1917, Kehl realizou uma conferência sobre Eugenia, o que teria estimulado sua vontade de lutar pela implantação da agenda eugênica em terras brasileiras. E, em 1937, Kehl lançaria vários textos comemorando os 20 anos de campanha eugênica. Enfim, estudo o pensamento social e político e as idéias com os quais os intelectuais se envolveram no período analisado. Procuo investigar o cenário, sobretudo em relação ao que os pensadores denominavam como questões ou problemas nacionais. Desenvolvo o argumento de que a Eugenia era assumida, veladamente ou não, como um instrumento imprescindível para a construção da nova nação. Apresento a história do movimento eugenista no Brasil. Explicito a trajetória intelectual e política do agente principal. Enfatizo suas relações com outros autores, sua rede nacional e internacional de interlocutores. Após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, seu nome passou a ser identificado com o campo eugênico.

## Bibliografia

- ANNAES DE EUGENIA. São Paulo: Sociedade Eugênica de São Paulo. Edições da Revista do Brasil, 1919.
- BLACK, Edwin. *A Guerra contra os fracos. A Eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: Girafa, 2003.
- DIWAN, Pietra. *Raça Pura. Uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FARIA, Luiz de Castro. *Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* Lisboa: Passagens, 2002.
- HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.
- KOIFMAN, Fábio. *Porteiros do Brasil: O Serviço de Visto do Ministério da Justiça e Negócios Interiores (1941-1945)*. RJ, 2007. Tese de Doutorado em História Social – IFCS/UFRJ.
- LOBATO, Monteiro. O Problema vital. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora dos Tribunais, 1918.
- PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA. *Atas e trabalhos*. Rio de Janeiro: v. 01, 1929.
- RAMOS, Jair de Souza. “Ciência e Racismo: Uma Leitura Crítica de *Raça e Assimilação* em Oliveira Vianna”. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol.10, n.2, Rio de Janeiro, mai/ago 2003.
- REIS, José Roberto F. “De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental.” In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol.7, n.1, Rio de Janeiro, Mar/Jun 2000.
- . *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-40)*. Dissertação de Mestrado. Campinas/Unicamp, 1994.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Seixos Rolados*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Companhia, 1927.

SOUZA, Wanderlei Sebastião de. *A Política Biológica como Projeto: A Eugenia Negativa e a Construção da Nacionalidade na Trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Casa de Oswaldo Cruz, 2006.

----- . Limites e fronteiras da eugenia no Oeste dos Estados Unidos. *In: Historia, Ciências, Saúde -Manguinhos*, vol. 14, n. 1, pp. 363-367, 2007,

STEPAN, Nancy. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

STERN, Alexandra Minna. *Eugenic nation: faults and frontier of better breeding in modern América*. Califórnia: University of California Press, 2005.